

**FAÇA O QUE TEM QUE SER FEITO
E NÃO OLHE PARA TRÁS**

Faça o que tem que ser feito
e não olhe para trás.

Cicero Fernando Coutinho

Para meus pais, minhas irmãs e minhas filhas.

Ler sem refletir é como comer sem digerir.

(Marquês de Maricá)

Sumário

Em meio à multidão	11
O fogo da loucura	15
O tempo, a palavra e a flecha	17
A cruz e a espada	21
Um dia para sempre	29
Amor sombrio	33
Amor além do mar	37
Laço sanguíneo	51
Amor sublime	59
Jogo perigoso	77
Ousado	81
A dama amada	85
Abduseduzida	91
Desesperados pela vida	99
Faça o que tem que ser feito e não olhe para trás	131
Chico Anysio, imortal	141
O desencanto da morte	143

Indagações 147

Gotas de mágoa 149

Homo columba 151

Solidão é o modo que o destino encontra para levar o homem para si mesmo.

(Herman Hesse)

EM MEIO À MULTIDÃO

O homem acordou, vestiu-se e saiu, como sempre fazia todas as manhãs. Impecavelmente pontual, ele entrou no metrô e dirigiu-se ao centro da cidade. Adorava o centro da cidade, sempre movimentado, com pessoas de todos os tipos a caminhar apressadamente em todas as direções. E ele, diariamente, estava ali, fazendo parte de toda aquela agitação, caminhando, apenas caminhando. Seguia a multidão pelas ruas do centro da cidade sem rumo nem destino. Apenas caminhava e observava tudo e todos como se procurasse algo que, nem mesmo ele, era capaz de dizer do que se tratava. E assim, ele fazia todos os dias e, só voltava para casa à noite, cansado de mais um dia estafante. Depois do banho, ligava a televisão e assistia ao noticiário - pois precisava saber o que de importante acontecera na cidade, na sua cidade - enquanto jantava um sanduíche de pão com

mortadela. Já deitado, fazia uma retrospectiva das atividades diárias, lembrando as vitrines repletas de produtos e promoções, os shows dos ambulantes, os sons dos motores e das buzinas dos carros e adormecia tranqüilo.

No dia seguinte, lá estava ele, novamente, em meio à multidão que invadia o centro da cidade. Tinha o hábito de, a cada dia tomar um itinerário diferente, evitando assim, a repetição dos locais visitados. Resolveu entrar em uma grande livraria, dessas que oferecem locais para que as pessoas sentem e leiam, ficando ali praticamente toda a manhã. Depois, saiu pelas ruas novamente, acompanhando a multidão. Caminhava tranqüilo quando, ao olhar para o lado, teve a impressão de estar sendo observado. Olhou mais uma vez e surpreendeu-se quando viu uma mulher que olhava para ele, sorrir. Sentiu-se incomodado. Caminhava todos os dias pelas ruas do centro, mas nunca havia falado com ninguém, nada além do estritamente necessário. Nunca havia abordado ninguém e nunca havia recebido um sorriso assim, sem nenhum motivo. Apertou o passo, e reparou que a mulher continuava a acompanhá-lo; e a cada vez que olhava para trás, lá estava ela, sorrindo. Começou a andar em ziguezague na tentativa

de despistá-la, mas ela também costurava a multidão e continuava a segui-lo com um sorriso de quem havia descoberto um segredo, um sorriso que invadia sua privacidade. Decidiu atravessar a avenida repentinamente e fazer o caminho de volta na outra calçada. Ao aproximar –se do meio-fio, olhou mais uma vez para trás e viu o sorriso da mulher transformar-se em uma expressão de desespero, mas não deu importância e continuou andando rápido e, ao dar dois passos para fora da calçada, não percebeu o ônibus que vinha em sua direção.

O choque foi violento. Caído no chão, o homem agora só podia ver os altos prédios. Aos poucos, começou a perceber várias pessoas a sua volta. Sentiu sob sua mão um líquido viscoso escorrer. Olhava para as pessoas a sua volta sem entender o que se passava. De repente, em meio às pessoas, reconheceu o rosto da mulher que o seguia. Ela não sorria mais, pelo contrário, tinha uma expressão de tristeza.

Ele olhou para o azul do céu e, lá em cima, viu uma linda cidade com ruas ensolaradas e uma multidão a caminhar. Viu também algumas pessoas voando em direção à

cidade ensolarada; fechou, então, os olhos e, feliz, voou para lá.

Os bombeiros colocaram o corpo dentro da ambulância e a multidão começou a se dispersar.

Parada na beira da calçada, a mulher acompanhou a ambulância até que esta desaparecesse em meio ao trânsito.

Então, voltou a caminhar pelas ruas da cidade, como todos os dias ela fazia. Não era ele a alma gêmea, que algum dia, ela, certamente encontraria.

Suicídio é, frequentemente, um grito por ajuda que não foi ouvido a tempo.

(Graham Greene)

O FOGO DA LOUCURA

Sentada no meio-fio, a mulher observa o fogo consumir o entulho e o lixo.

Ela não sabe como o fogo começou, sabe apenas que ele consome e fascina.

Sentada no meio-fio, ela, já acostumada, observa a passagem das pessoas que nem sequer a notam.

Mas, naquele dia, havia o fogo.

As pessoas olhavam para o fogo, mas continuavam a ignorá-la, talvez por sentirem-se agredidas por sua presença.

Enquanto olhava para o fogo que crescia, a mulher percebeu que o entulho desaparecia e dava lugar a chamas cada vez maiores.

O entulho, o lixo, o feio desaparecia e dava lugar ao calor, a dança frenética e a luz fascinante das chamas.

Em um momento de lucidez, comparou sua vida ao entulho, o fogo à libertação e teve consciência de que vivia na linha divisória entre sanidade e loucura.

Com a consciência, veio a vontade de mudança, de ver a miséria, o desprezo e a